

ARTIGOS

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE:SOBRE A VISIBILIDADE DAS PROFESSORAS LÉSBICAS

Claudia VIANNA

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo, SP, Brasil

cpvianna@usp.br

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9366-4417>

Tatiana CARVALHO

Universidade de São Paulo – USP

São Paulo, SP, Brasil

tatianafeusp@gmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0258-4938>

Resumo: No campo da Educação, como área de investigação e conhecimento, muitas pesquisas abordam a questão da formação e atuação docentes. Contudo, boa parte dessas análises não avalia mais detidamente as distinções de gênero na categoria, principalmente levando-se em conta a presença mais expressiva de mulheres na carreira. Muito mais escassos são os trabalhos que buscam observar as especificidades dentro do grupo mais amplo “mulheres professoras”. Este artigo traz reflexões que foram aprofundadas em uma pesquisa sobre professoras lésbicas na Educação Básica. De modo geral, a questão que se coloca é: quais são os distintos significados de ser uma professora lésbica na Educação Básica, tendo em vista o tabu que isso ainda representa no meio escolar e as necessidades de uma educação de respeito pela diversidade? Esta consideração é fundamental, especialmente no atual momento vivido em nosso país, em que essa construção legítima de existência está sob ataque. Além disso, problematizar a importância dessa questão na própria formação docente, sendo a visibilidade ou invisibilidade construída por essas professoras sempre pedagógica, na medida em que ajuda a erigir uma série de conhecimentos e impressões sobre a diversidade sexual.

Palavras-chave: Gênero; educação; formação docente; professoras lésbicas.

TRAINING AND TEACHING PRACTICE: ON THE VISIBILITY OF LESBIAN TEACHERS

Abstract: In the field of Education, as an area of research and knowledge, many researches address the issue of teacher training and performance. However, a large part of these analyzes no longer carefully assess gender distinctions in the category, especially considering the more significant presence of women in their careers. Much more scarce are the works that seek to observe the specificities within the broader group

"female teachers." This article brings reflections that were deepened in a research on lesbian teachers in Basic Education. In general, the question is: what are the different meanings of being a lesbian teacher in Basic Education, in view of the taboo that this still represents in the school environment and the needs for an education of respect for diversity? This consideration is fundamental, especially in the present moment in our country, when this legitimate construction of existence is under attack. In addition, it questions whether and how this issue is addressed in the teacher training itself, with the visibility or invisibility built by these teachers always pedagogical, as it helps to build a series of knowledge and impressions about sexual diversity.

Keywords: Gender; education; teacher training; lesbian teachers

FORMACIÓN Y PRÁCTICA DOCENTE: SOBRE LA VISIBILIDAD DE LAS MAESTRAS LESBIANAS

Resumen: En el campo de la educación, como área de investigación y conocimiento, muchos estudios abordan el tema de la formación y actuación docente. Sin embargo, una gran parte de estos análisis ya no evalúa cuidadosamente las distinciones de género en la categoría, especialmente considerando la presencia más significativa de mujeres en la carrera profesional. Mucho más escasos son los trabajos que buscan observar las especificidades dentro del grupo más amplio "maestras." Este artículo trae reflexiones que se profundizaron en una investigación sobre maestras lesbianas en Educación Básica. En general, la pregunta es: ¿cuáles son los diferentes significados de ser maestra lesbiana en Educación Básica, en vista del tabú que esto todavía representa en el entorno escolar y las necesidades de una educación que respeta la diversidad? Esta consideración es fundamental, especialmente en el momento actual vivido en nuestro país, cuando esta construcción legítima de la existencia está bajo ataque. Además, problematizarla bajo la importancia de este tema en la formación de los docentes, con la visibilidad o invisibilidad construida por estos docentes siempre pedagógica, ya que ayuda a erigir una serie de conocimientos e impresiones sobre la diversidad sexual.

Palabras-clave: Género; educación; formación del profesorado; maestras lesbianas

Introdução

No campo da Educação, como área de investigação e conhecimento, muitas pesquisas abordam a questão da formação e atuação docentes. Contudo, boa parte dessas análises não avalia mais detidamente as distinções de gênero na categoria, principalmente levando-se em conta a presença mais expressiva de mulheres na carreira.

Muito mais escassos são os trabalhos que buscam observar as especificidades dentro do grupo mais amplo “mulheres professoras” com foco específico na articulação entre gênero, sexualidade e heteronormatividade e suas manifestações nas práticas e na formação docente.

O campo de estudos sobre gênero e educação tem se expandido e aprofundado mais recentemente. Mas, em relação a docentes LGBT¹, e, mais particularmente, sobre docentes lésbicas, especialmente no Brasil as pesquisas ainda são incipientes. Dialogar com os trabalhos internacionais ao longo deste artigo foi fundamental para uma compreensão das principais problemáticas da área, suas metodologias, limitações, lacunas e avanços.

Em relação às pesquisas internacionais, destacamos, entre outros, dois trabalhos de revisão que fornecem balanços da produção acadêmica com amplo panorama do campo. São eles o de Tania Ferfolja (2009) e o de Thomas Duke (2008), uma revisão crítica de vinte e dois artigos estadunidenses sobre professores/as gays e lésbicas.

Ferfolja (2009) analisou trabalhos de quatro países de língua inglesa (Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália) e traz importantes informações sobre a pesquisa na área. O primeiro aspecto destacado pela pesquisadora é que inúmeros estudos tratam de professores e professoras LGBT de modo indiscriminado. Raramente há discussões analíticas sobre as questões de gênero envolvidas nos resultados das pesquisas. A autora ressalta que uma das necessidades de se estudar a questão das professoras lésbicas de modo específico, e não juntamente com professores gays, passa por uma problemática: os homens ainda podem se ancorar na hegemonia masculina que lhes garante poder. As professoras, de outra forma, podem se sentir menos seguras e mais vulneráveis ao se assumir, já que isso também implicaria em uma afronta radical ao papel tradicionalmente estabelecido para elas ao longo da construção da carreira docente. O segundo ponto destacado por Ferfolja é o silenciamento e a marginalização sofridas por essas professoras por conta de sua orientação sexual. Esses problemas aumentam ou diminuem dependendo do contexto social e cultural em que elas estão inseridas. Escolas ligadas a igrejas, por exemplo, apresentam maiores dificuldades em lidar com a questão. Já escolas em que coordenadores/as e diretores/as estão de alguma forma informados/as sobre a discussão relacionada à homofobia e diversidade sexual apresentam maior abertura para o diálogo sobre o assunto. De qualquer forma, relatos sobre discriminação, assédio e stress ligados à questão da orientação sexual de professoras no ambiente de trabalho continuam aparecendo nas pesquisas, mesmo nas mais recentes.

Tania Ferfolja (2009) conclui afirmando que a pesquisa internacional demonstra que o ambiente escolar é potencialmente hostil para as professoras que se identificam como lésbicas, agindo de modo a controlar suas sexualidades por medo e assédio, marginalização e políticas e práticas institucionais. Elas, em geral, acabam silenciadas, por imposição externa ou por iniciativa própria, e buscam esconder ou filtrar o tempo

¹ A sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Trangêneros), aqui adotada, segue deliberação da I Conferência Nacional LGBT, realizada em 2008. Sabemos, no entanto, que ela não é suficiente para abranger as múltiplas formas de expressão e identificação sexuais e de gênero em um processo em permanente construção. É utilizada, portanto, em um sentido abrangente, abarcando diferentes identificações de gênero (pessoas travestis, transexuais, transgêneras, homens trans, não bináries, agender, queer) e sexualidade (pessoas homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais) existentes.

todo informações sobre sua vida pessoal, o que pode acarretar danos para sua saúde e vida profissional. Apesar deste contexto opressivo, as pesquisas também reconhecem que as professoras têm capacidade de subverter, desafiar e resistir.

Já Thomas Duke lança o foco sobre outro ponto. Avaliando as pesquisas publicadas sobre o tema, considera que o trabalho na área tem grande importância e pode influenciar políticas públicas e práticas educacionais. Contudo, considera que grande parte da pesquisa no campo ainda apresenta muitas lacunas, além de não ser publicada em espaços em que possa ser lida por um público mais amplo, de modo a impactar no debate mais abrangente sobre educação nos Estados Unidos. Duke (2008) argumenta, com base nos/as teóricos/as examinados/as, que a opressão e subjugo vividos pelas pessoas oprimidas é tão penetrante que não permite, por vezes, que a pessoa perceba sua própria condição. Nessa direção, defende a construção de “narrativas de libertação” (DUKE, 2008) que empoderem docentes gays e lésbicas que, por sua vez, possam também ajudar a construir autonomia e confiança para jovens gays e lésbicas passarem do medo, da vergonha e da passividade para o orgulho, para a esperança e autodefesa.

No campo nacional, ainda são poucas as pesquisas que se debruçam especificamente sobre a questão das professoras lésbicas na educação básica. Não existem balanços da bibliografia sobre o tema, mas, de modo geral, a produção acadêmica encontrada dialoga com as problemáticas colocadas no campo internacional. Ariane Meireles (2012b) investiga as vivências dessas professoras na cidade de Vitória com as políticas públicas implementadas na área de diversidade sexual; Patrícia Maciel (2014), em estudo realizado em Pelotas, analisa modos de produzir o gênero na docência de professoras lésbicas; e Patrícia Granúzzio (2012) observa visibilidades e invisibilidades de mulheres homossexuais na escola, ou seja, examina como se deu a constituição dessas mulheres como sujeitos em suas relações com as outras pessoas dentro da escola.

Refletir analiticamente sobre os significados de ser uma professora lésbica na Educação Básica constitui o propósito geral deste artigo; tanto no que diz respeito à visibilidade lésbica nas práticas em sala de aula quanto no que desafia as fronteiras do gênero na própria formação docente.

O artigo toma por base pesquisa de doutorado (CARVALHO, 2018), de natureza qualitativa, e de perspectiva sociológica, que dialoga com estudos nacionais e internacionais já realizados sobre o tema, com base no debate sobre gênero, sexualidades e heteronormatividade. Foram entrevistadas seis professoras da rede pública (estadual ou municipal) de São Paulo, estando elas em atividade em três cidades: São Paulo, Diadema e Praia Grande. A partir de um roteiro semiestruturado, a pesquisa teve por objetivo compreender os distintos significados do que é ser uma professora lésbica no ambiente escolar.

Para a obtenção do contato com as professoras, foi elaborado um pequeno texto elucidando o tema e objetivos gerais da pesquisa e convidando professoras interessadas a participar da entrevista presencial, garantindo o anonimato no uso das informações para a pesquisa. Esta carta-convite foi enviada para várias escolas de diversas redes, públicas e privadas, por meio de contatos da pesquisadora: docentes, coordenadores/as e diretores/as pedagógicos. Também foram utilizadas como meios de contato as redes sociais, especialmente o Facebook, em que a carta-convite foi disparada em grupos de docentes e especificamente de docentes LGBT.

Esperava-se certa dificuldade para se conseguir essas entrevistas, ainda mais presenciais, tendo em vista os achados tanto nas pesquisas nacionais quanto internacionais. Por isso, as únicas condições colocadas para a participação das docentes foram: estar trabalhando em sala de aula no momento das entrevistas; ser professora da rede regular de ensino (excluindo-se, por exemplo, escolas de idiomas, de teatro ou academias

de ginástica); e ser professora da educação básica. Delimitou-se o estado de São Paulo para que pudéssemos ampliar o público alvo de participantes da investigação e, ao mesmo tempo, possibilitar a realização de entrevistas presenciais (o que provavelmente ocorreria se as participantes fossem de outros estados).

Após o envio dos convites, algumas professoras entraram em contato manifestando interesse em participar da entrevista. Contudo, algumas deixaram de responder às mensagens quando passamos a propor uma data para o encontro presencial. Por fim, seis professoras aceitaram conceder a entrevista.

A entrevista semiestruturada presencial foi escolhida como meio de se conseguir um aprofundamento de questões de poderiam aparecer ao longo do encontro. Como não se sabia previamente como eram as vivências dessas docentes no cotidiano escolar e que tipos de experiências e impressões elas trariam, consideramos que pessoalmente haveria mais espaço para o estabelecimento de um diálogo em que as informações pudessem fluir.

Das seis professoras, uma se declarou bissexual, mas estava, naquele momento, vivendo um relacionamento de alguns anos com outra mulher. As outras cinco se declararam lésbicas. Duas se declararam brancas, uma parda e as outras três, negras (sendo que as professoras ficaram livres para se declarar como quisessem em relação à questão “cor”). Uma delas era ateia, e as outras católicas, umbandistas ou espíritas, praticantes e não-praticantes.

Foi realizada uma entrevista com cada uma, em locais escolhidos por elas, sendo preferencial sempre o espaço em que elas se sentissem mais à vontade. Três encontros ocorreram em locais públicos e outros três nas próprias casas das docentes. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente pela própria pesquisadora. Cada entrevista teve duração média de uma hora e meia.

O presente artigo dialoga com parte da pesquisa aqui citada, tendo por foco específico a visibilidade das professoras lésbicas na relação com as práticas e a formação docente a partir da perspectiva de gênero, tal como proposto por Joan Scott (1995). Ou seja, pensando-se no conceito de gênero como uma categoria analítica que possibilita o exame de várias dimensões das relações sociais em geral e no tocante ao gênero, inclusive a sexualidade e a heteronormatividade.

Para tal, está organizado em três partes. A primeira parte, a Introdução, traz o contexto da produção acadêmica sobre o tema em questão. A segunda parte traz reflexões relevantes sobre visibilidade lésbica no ambiente escolar. Para finalizar, retomamos as reflexões apresentadas para problematizar a importância dessa questão na própria formação docente, sendo a visibilidade ou invisibilidade construída por essas professoras sempre pedagógica, na medida em que ajuda a erigir uma série de conhecimentos e impressões sobre a diversidade sexual.

Entre tornar visível e o silenciamento: cenas que se repetem

uma professora está dando aula em uma sala com alunos/as entre 12 e 14 anos. Num dado momento, alguém levanta a mão, deixando a professora feliz pelo seu súbito interesse no assunto, e, quando ela lhe concede a palavra, dispara: *“Professora, você namora com homem ou com mulher?”*

É possível visualizar a sala de aula neste momento. Em segundos, alguns e algumas dão risada em alvoroço, comentando animadamente o ocorrido. Outras/os podem olhar apenas, mãos cobrindo a boca aberta e olhos

arregalados, escandalizados/as com a ousadia do questionador. Talvez um/a ou outro/a fique ainda alheio/a ao acontecimento, perdido/a em seu mundo protegido por algum fone de ouvido oculto.

Mas e a professora? O que ela faz neste momento? Estendendo um pouco mais a cena, percebemos como ela tem apenas alguns segundos para pensar no que responder. No caso de ela ser lésbica e estar em um relacionamento com outra mulher, o que ela pode dizer? Assume perante a sala e diz simplesmente a verdade? Ou mente, dizendo que não namora, ou ainda que tem um namorado?

Há ainda uma terceira opção: “Eu não falo sobre a minha vida pessoal”, ela poderia responder de modo nem um pouco satisfatório para os/as estudantes, mudando de assunto.

A pergunta de um dos estudantes parece extrapolar o conteúdo específico da disciplina. Mas, seja qual for a resposta escolhida pela professora, e mesmo que não haja outros desdobramentos depois disso, ela sempre terá um caráter pedagógico difícil de negar.

Se ela optar por não falar sobre a vida pessoal, tendo em vista que docentes heterossexuais normalmente não se importam de mencionar cônjuges ou filhos/as, qual seria o subtexto desta escolha? Por outro lado, tendo os/as alunos/as motivos para desconfiar da homossexualidade da professora, o que ela estaria informando, ao afirmar ter um namorado ou um marido? Por que haveria essa necessidade de criar outra experiência para ocultar a realidade? O que se ensina quando se faz uso deste recurso porque não se pode simplesmente abordar um determinado assunto?

No sentido oposto, pensemos na resposta afirmativa. A professora decide dizer espontaneamente a verdade: que tem uma namorada (ou esposa, ou companheira, sendo a própria nomenclatura escolhida, em si mesma, significativa). Imaginemos as consequências, imediatas ou não, desta fala não só naquela sala de aula, mas na escola de modo geral.

A opção pela visibilidade lésbica, neste caso, é também, em si mesma, pedagógica, ao se falar de um afeto que pode ser revelado, que não precisa ser escondido ou transformado em tabu.

Para muitos/as que se deparam com a problematização aqui colocada, ela pode parecer fora de propósito. Qual é a necessidade de um/a docente homossexual falar sobre sua orientação sexual no ambiente escolar?

É preciso, pois, chamar atenção aqui para o olhar homofóbico que é lançado sobre esta questão. Muitos/as professores/as podem falar abertamente no cotidiano escolar sobre seus/suas cônjuges e filhos/as, contando casos ou mesmo usando suas vivências familiares para dar exemplos. Sobre essas falas, dificilmente há uma condenação, sob a acusação de que elas podem influenciar as crianças e adolescentes.

Quando se alardeia sobre a fala de um/a docente LGBT sobre sua experiência, o que está por trás dessa preocupação é a crença de que falar sobre diversidade sexual é, em si, algo inadequado e uma possível influência (negativa, é claro) para as crianças e adolescentes. Ou então, a visão homofóbica de que falar sobre a vivência LGBT é necessariamente falar sobre sexo de maneira imprópria para menores de idade. Nesta perspectiva, obviamente aspectos como afeto, respeito, segurança e saúde ficam minimizados.

Por outro lado, por mais que se possa argumentar que a escola não é um espaço para docentes discorrerem sobre suas vidas pessoais, o fato é que não apenas a fala pode trazer uma informação sobre a vida pessoal.

Uma simples aliança, por exemplo, já é uma informação pessoal. A real diferença, contudo, entre docentes que vivem relacionamentos heterossexuais ou homossexuais é que os primeiros dificilmente sofrerão censura ou terão seus empregos ameaçados se falarem abertamente sobre seus casamentos, mencionarem os nomes de seus cônjuges, ou convidarem os/as outros/as docentes para suas festas de noivado ou casamento.

Esta ameaça aos empregos de docentes homossexuais quando estes/as, por escolha própria ou não, têm revelada sua orientação sexual não é apenas uma suposição, sendo documentada por pesquisas nacionais e internacionais.

A demissão homofóbica é abordada, por exemplo, por Luana Molina e Mary Neide Figueiró (2012), que falam sobre o isolamento e posterior dispensa de uma professora de uma escola particular religiosa em Curitiba, após a descoberta de sua orientação sexual pelas irmãs da escola.

Patrícia Maciel e Maria Manuela Garcia (2014) também relatam ocorrência semelhante: uma professora de educação física que passou a ser vigiada e posteriormente foi afastada de uma escola por discutir gênero e sexualidade em suas aulas.

O número de pesquisas sobre a insegurança vivida por docentes homossexuais ou mesmo sobre as vivências desses/as docentes, contudo, ainda é escasso. Especialmente no que se refere a docentes do sexo feminino.

Apesar de as mulheres serem maioria no quadro docente da Educação Básica, como mostra Cláudia Vianna (2002, 2013), as pesquisas não costumam acompanhar essa especificidade. Em relação às professoras lés-bicas, são ainda mais escassos os trabalhos existentes.

Além de Tania Ferfolja (2009), já mencionada, outros trabalhos abordam temas como o medo de que sua orientação sexual seja revelada e de demissões homofóbicas (MCKENZIE-BASSANT, 2007), e a autovigilância decorrente deste sentimento (ENDO, REECE-MILLER, SANTAVICCA, 2010). Analisam também a decisão de se assumir das docentes e as experiências que decorrem desta escolha (MELILLO, 2003), além do processo e dos motivos que consideram para tal (RESENBRIK, 1996 e HARDIE, 2012).

Também é levado em conta o papel dos/as gestores escolares neste contexto: o posicionamento de diretores/as e coordenadores/as no que se refere ao combate à homofobia e ao respeito à diversidade sexual faz diferença para a sensação de segurança de docentes LGBT de modo geral (DEJEAN, 2008 e JACKSON, 2006).

Contudo, além do posicionamento dos/as gestores dentro dos ambientes escolares ou da existência de legislações específicas que protegem docentes LGBT (e trabalhadores/as de modo geral) de demissões homofóbicas (em países da Europa e nos Estados Unidos, não no Brasil), outro fator parece pesar mais para a percepção de segurança de docentes. Parte dos/as professores/as entrevistados em algumas pesquisas acredita que sua excelência no trabalho é o que pode garantir sua própria proteção. Se eles/as conseguirem se destacar e alcançar credibilidade dentro das escolas e também junto às famílias, isso pode lhes garantir segurança caso sejam expostos/as (KISSEN, 1993; FERFOLJA, 2009; RUDOE, 2010; MEIRELES, 2012a).

Desta forma, fica bastante evidenciado o tensionamento psicológico que paira sobre estes/as docentes que, além das demandas cotidianas de uma profissão desgastante e de responsabilidade social elevada, ainda enfrentam a pressão do medo da exposição e da necessidade do estabelecimento da melhor reputação profissional possível.

Apesar disso, e de boa parte das investigações na área estarem focadas na homofobia, no medo e na invisibilidade dessas docentes, existem possibilidades de construção de visibilidades lésbicas no ambiente escolar. Algumas professoras, a partir de vivências profissionais e pessoais, acreditam ser possível e pedagogicamente construtivo não ocultar suas identidades lésbicas em sala de aula.

A decisão pela construção de uma visibilidade lésbica no ambiente escolar é motivada por vários fatores. Por um lado, as docentes acreditam poder ajudar os/as alunos/as a lidar melhor com suas sexualidades, especialmente se estas forem não-heterossexuais (MELILLO, 2003), inclusive pelo fato de poder representar para eles/elas a existências de várias formas de ser LGBT (JACKSON, 2006).

Por outro lado, há uma motivação mais diretamente política: ao assumirem-se, os/as docentes estariam forçando as instituições a se posicionarem perante o assunto. Seria necessário reconhecer a homofobia existente no ambiente escolar, não só em relação aos/as estudantes, mas também em relação ao corpo docente, e encarar este problema (ENDO, REECE-MILLER, SANTAVICCA, 2010), de modo conjunto e institucional, não deixando o enfrentamento nestes casos a cargo apenas de indivíduos isolados (NIXON, 2006).

Algumas docentes brasileiras, por exemplo, acreditam que buscar uma visibilidade lésbica na escola pode ser importante para a construção de uma “visão de mundo mais otimista, edificante e segura para os/as adolescentes LGBT e, além disso, de uma perspectiva mais democrática e respeitosa em relação à diversidade para os/as estudantes em geral” (CARVALHO, 2018, p.118).

Obviamente, não se trata de uma decisão fácil e nem de um caminho simples a ser trilhado. O assumir-se em sala de aula precisa ser refletido e resultado de uma relação sólida construída com as turmas. É preciso que a docente tenha um relacionamento mais próximo e de confiança com os/as estudantes e que a visibilidade faça sentido dentro de um contexto. Ou, posto de outra forma, que esta visibilidade ajude a questionar a heteronormatividade, a colocar em evidência violências homofóbicas muitas vezes naturalizadas na escola, e a empoderar estudantes LGBT que podem não ter outras referências de sexualidade e viver em ambientes francamente homofóbicos.

Além do vínculo com os/as alunos/as, as docentes também destacam a importância de um respaldo da gestão da escola, como já mencionado, e de um bom relacionamento com as famílias dos/as estudantes. As famílias precisam confiar no trabalho das professoras, fator do qual decorre a pressão que estas profissionais sentem por desempenhar sempre um trabalho de nível excelente.

Mesmo tendo construído todo um contexto favorável, a escolha de assumir-se nunca é totalmente segura e as consequências são em grande medida imprevisíveis. Além disso, nota-se que as docentes nunca se sentem totalmente empoderadas para enfrentar certas situações. Ou, melhor dizendo, por mais conscientes que estejam sobre suas sexualidades e as discussões acerca dos temas homofobia, discriminação e respeito à diversidade, sempre podem ocorrer situações que trazem reações inesperadas.

Uma docente, por exemplo, em uma turma de ensino médio, deparou-se com um aluno que não queria fazer trabalho de grupo com outro estudante porque este seria gay. Diante dessa fala, a professora preferiu não ignorar ou chamar atenção de modo genérico, mas posicionar-se pessoalmente. Afirmou ao primeiro adolescente que, se ele tinha problemas em fazer um trabalho de grupo com o colega que, segundo ele, era gay, também teria problemas em assistir às suas aulas, já que ela mesma (a professora) era lésbica. Em face desta fala, o aluno pediu desculpas e disse que estava brincando (CARVALHO, 2018).

Contudo, a história não se encerrou aí e o ocorrido chegou aos ouvidos do diretor pedagógico, não se sabendo exatamente por quais meios. Chamando a professora para uma conversa, ele lhe disse que não era recomendável que docentes falassem sobre suas vidas pessoais na escola, especialmente para estudantes.

A docente não conseguiu argumentar na ocasião (como poderia argumentar, segundo acredita, à época que relatou o caso) e se sentiu discriminada, pois teve a certeza de que se o conteúdo de sua fala tivesse sido heteronormativo, o diretor não a teria alertado sobre ser discreta sobre sua vida pessoal (CARVALHO, 2018).

As professoras lésbicas que buscam construir sua visibilidade no ambiente escolar e também trabalhar de modo transversal temas como diversidade sexual e homofobia em sala de aula relatam preocupação muito maior na escolha das palavras ao abordar determinados assuntos. Isso porque sentem uma vigilância maior sobre si mesmas, tanto da equipe da gestão da escola quanto das famílias.

E não apenas para falar de suas próprias vivências elas sentem essa necessidade de escolher as palavras certas. Uma vez assumidas, até mesmo para problematizar e discutir uma situação pontual de bullying homofóbico, por exemplo, as docentes afirmam precisar de atitudes muito bem embasadas teoricamente para não serem apontadas como possíveis ameaças.

Esta ideia de ameaça de LGBTs especialmente sobre crianças e adolescentes e a formação de suas sexualidades é apenas mais um dos muitos mitos, como já mencionado, envolvidos em torno do tema diversidade sexual. Deborah Britzman explica essa concepção da seguinte forma:

Para um número significativo de heterossexuais que imaginam sua identidade sexual como “normal” e “natural”, existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes (BRITZMAN, 1996, p. 80).

Este mito, presente no cotidiano escolar das professoras, faz parte de um conjunto de noções que se reproduzem em torno das concepções sobre diversidade sexual de modo irrefletido. Ora, essas ideias não resistem à realidade, pois se a homossexualidade é “adquirida” por influência (contrariando a heterossexualidade tida como natural), como é possível a existência de tantos homossexuais (para ficar só em duas letras da sigla LGBT) cujos pais, docentes, líderes religiosos e amigos/as de infância e adolescência eram ou são heterossexuais?

Sendo a maior parte de nossa mídia – cinema, novelas e seriados – da nossa literatura, da nossa publicidade recheada de heteronormatividade (tendo a existência de apenas um casal lésbico em uma telenovela a capacidade de gerar grande polêmica nacional); sendo os/as docentes vigiados/as tão de perto quanto o assunto são suas vivências não-heterossexuais; e tendo em vista as maciças campanhas anti-LGBT de boa parte das igrejas hegemônicas em nossa sociedade, como explicar a própria existência de pessoas LGBT, se ela dependem de influência para se manifestar?

A desconstrução de mitos como este é uma preocupação diária de professoras que buscam o estabelecimento de suas visibilidades nas escolas.

Ser professora lésbica na escola: o que a formação docente tem a ver com isso?

As experiências positivas de professoras que decidem se assumir em suas escolas são possíveis. Como mostra Sandra Melillo (2003), em pesquisa realizada na Flórida, Estados Unidos, docentes afirmam que se

sentiram mais capazes, mais confortáveis e livres em sua relação com a docência e também para trabalhar com seus/suas alunos/as a compreensão e interação com as diferenças, após se assumirem. E a formação docente pode estar diretamente relacionada ao incentivo de ações coletivas, integradas às políticas públicas de educação que possam viabilizar e reconhecer formas alternativas de viver a própria sexualidade, de modo a “desnaturalizar” a heterossexualidade nas práticas de gestores/as e nas políticas institucionais, sem restringir a ação docente em prol do respeito à diversidade sexual restrita ao interesse isolado de cada que, por especificidades na formação e/ou motivações pessoais estejam sensíveis à questão (MCKENZIE-BASSANT, 2007).

E, evidentemente, este trabalho poderia ser menos solitário, tenso e até mesmo menos intuitivo se os currículos dos cursos de formação inicial de professores/as ajudassem na abordagem e aprofundamento destas reflexões.

Uma das professoras entrevistadas durante a pesquisa de doutorado já mencionada ressalta a importância da formação inicial para sua própria compreensão das questões de gênero para a defesa da diversidade sexual e o enfrentamento da homofobia no ambiente escolar. O estudo de gênero forneceu embasamento, até mesmo para que se posicionasse em seu cotidiano como professora quando ela iniciou um relacionamento com outra mulher. Segundo ela, neste instante, ela sabia que, ainda que se tratasse de uma informação de sua vida pessoal, isso poderia se tornar uma espécie de instrumento na luta contra o preconceito, ou algo que fizesse as pessoas mais próximas repensarem um pouco seus conceitos:

(...) foi a partir de 2011 que eu comecei a me relacionar com uma mulher que essa questão virou um incômodo, eu acho. Porque aí eu tinha que... quer dizer, na verdade eu acho que eu não tinha que falar nada, né, mas, por outro lado, eu achava que tinha, porque tinha estudado coisas, sabia que assumir a posição sexual talvez fizesse diferença em como as pessoas viam essa questão, porque podia acabar um pouco com o preconceito e tudo o mais (entrevista realizada em 13 de setembro de 2015).

Porém, alguns obstáculos podem dificultar a discussão e, consequentemente, a preparação de docentes para o enfrentamento futuro dessas questões.

A interferência de uma agenda religiosa fundamentalista, por exemplo, que busca excluir as discussões sobre diversidade sexual não se dá apenas no ambiente escolar diretamente, por meio da vigilância dos/as professores/as. Ela atua também na formação inicial de docentes, de modo a pressionar pela exclusão do tema nos currículos (SANTOS e SANTOS, 2019).

Por outro lado, as discussões sobre sexualidade nos currículos de formação inicial ainda aparecem muito associadas ao campo da biologia, ligadas, assim, ao âmbito reprodutivo, de saúde e sob uma perspectiva heteronormativa. Além disso, o próprio debate sobre diversidade sexual ainda ocupa um espaço muito pequeno mesmo quando o tema mais geral “diversidade” é abordado. Em relação às outras diversidades (étnica, religiosa, cultural), a sexual é praticamente silenciada em um modelo de ensino ainda muito heteronormativo, em todos os níveis (SANTOS e SANTOS, 2019).

A pouca informação sobre diversidade sexual nos currículos de formação docente pode ser, em parte, superada pelos/as professores/as por meio de cursos de aperfeiçoamento e atualização como, por exemplo, o GDE (Gênero e Diversidade na Escola), iniciativa do governo federal proposta em 2005. Apesar do subsídio

do curso para o trabalho docente, este ainda encontra obstáculos junto à gestão e à equipe escolar, parte dos/as alunos/as e familiares. O sentimento de isolamento, nesse sentido, permanece, pois as iniciativas de abordagem do tema continuam sendo individuais, o que, inclusive, estigmatiza os/as docentes que conduzem esses trabalhos, sejam eles LGBTs ou não (SOARES e MONTEIRO, 2019).

Por outro lado, cursos de especialização e formação continuada sobre diversidade sexual ajudam a preencher uma lacuna deixada pelos cursos de nível superior. No caso das universidades, a autonomia garante que professores/as interessados/as e sensíveis à temática a abordem em suas disciplinas, mas também permite que muitos/as alunos/as se formem sem ter contato com essas discussões, sem não passarem por determinados bancos. Ao mesmo tempo, os currículos dos cursos superiores não são maleáveis a ponto de permitir a inclusão de temas relativamente recentes e que ainda sofrem alterações constantes em relação ao enfoque e conceitos, frutos de intensos e complexos debates, ainda postos de modo contínuo (ALTMANN, 2013).

Sendo assim, existem possibilidades de construção de uma visibilidade lésbica pedagógica no ambiente escolar. Contudo, além das questões individuais enfrentadas pelas professoras, tais como o medo da exposição, da perseguição ou mesmo de uma demissão homofóbica, e da tensão gerada pela constante vigilância e necessidade de afirmação profissional cotidiana, ainda permanecem os entraves do isolamento e da falta de embasamento teórico nas grades curriculares dos cursos de formação docente.

Considerações finais

Sendo assim, existem possibilidades de construção de uma visibilidade lésbica pedagógica no ambiente escolar. Contudo, além das questões individuais enfrentadas pelas professoras, tais como o medo da exposição, da perseguição ou mesmo de uma demissão homofóbica, e da tensão gerada pela constante vigilância e necessidade de afirmação profissional cotidiana, ainda permanecem os entraves do isolamento e da falta de embasamento teórico nas grades curriculares dos cursos de formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, salud y sociedad. Revista latinoamericana*, n. 13, p. 69-82, 2013.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor? *Revista Educação & Realidade*, v. 21, n.1, 1996.
- CARVALHO, Tatiana. Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades. 2018. (Tese de Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- DEJEAN, William. Out gay and lesbian K-12 educators: a study in radical honesty. *Journal of Gay & Lesbian Issues in Education*, v. 4, n. 4, p. 59-72, 2008.
- ENDO, Hidehiro; REECE-MILLER, Paul Charness; SANTAVICCA, Nicholas. Surviving the trenches: a narrative inquiry into queer teachers' experiences and identity. *Teaching and teacher education*, v.26, p.1023-1030, 2010.
- FERFOLJA, Tania. State of the Field review: stories so far: an overview of the research on lesbian teachers. *Sexualities*, v. 12, n. 3, p. 378-396, 2009.
- HARDIE, Ann. Lesbian teachers and students: issue and dilemmas of being "out" in primary school. *Sex Education*, v. 12, n. 3, p.273-282, 2012.
- JACKSON, Janna. M. Removing the masks: considerations by gay ans lesbian teachers when negotiating the closet door. *Journal of Poverty*, v. 10, n. 2, p. 47-52, 2006.
- KISSEN, Rita M. Voices from the glass closet: lesbian and gay teachers talk about their lives. In: The Annual Meeting Of The American Educational Research Association, 1993.
- MACIEL, Patrícia; GARCIA, Maria Manuela. Os femininos no magistério: professoras lésbicas nas escolas. *Curriculum sem Fronteiras*, v. 14, n. 3, p. 160-180, 2014.
- MCKENZIE-BASSANT, Claudette. Lesbian teachers walking the line between inclusion and exposure. *International Journal of Art & Design Education*, v. 26, n. 1, p. 54–62, 2007.
- MEIRELES, Ariane Celestino. Docentes sexuadas: mulheres lésbicas e prática docente. In: Congresso Internacional de Estudos Sobre d Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira da Homocultura, 6., 2012a.
- MELILLO, Sandra. Heteronormativity and teaching: a phenomenological study of lesbian teachers. In: The Annual Meeting of the American EducationalResearch Association, Chicago, 2003.
- MOLINA, Luana; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Professores homossexuais: suas vivências frente a comunidade escolar. *Revista Iberoamericana de Estudos em Educação*, v. 7, n. 2, p. 58-77, 2012.

NIXON, David. In Praise of Diversity: why schools should seek gay and lesbian teachers, and why it's still difficult. *Forum*, v. 48, n. 3, p. 275-282, 2006.

RESENBRIK, Carla W. What difference does it make? The story of a lesbian teacher. *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 2, p. 257-271, 1996.

RUDOÉ, Naomi. Lesbian teachers' identity, power and the public/private boundary. *Sex Education*, v.10, n.1, p.23-36, 2010.

SANTOS, Cristiano F. dos; SANTOS, Rosimeire M. R. dos. Desafios na formação docente em diversidade sexual. *Educação: Teoria e Prática*, v. 29, n. 60, p. 140-161, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em revista.*, v. 35, n. 73, p. 287-305, 2019

VIANNA, Cláudia. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*. S/V, n.18, p. 81-103, 2002b.

YANNOULAS, S. C.; BARBOSA, M.; LOMBARDI, Maria Rosa; OLIVEIRA, T. S.; VIANNA, Cláudia; DIAS, M. J. S.; TEIXEIRA, M.; GOREN, N.; MARCONDES, M.; CARRILHO, A. A feminização do magistério na Educação Básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Abaré, 2013, p. 159-180.

VIANNA, C.; CARVALHO, T. Formação e prática docente:sobre a visibilidade das professoras lésbicas. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*. Belo Horizonte. Vol. 12, nº. 24 (p. 77-90) 31 ago. 2020